



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE CENTRO DE  
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CONTEXTUALIZADA PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO**

**BÁRBARA KAROLINY SOUSA PEREIRA**

**ESCOLA HERCULANO FLORÊNCIO DE BARROS COMO MATRIZ  
FORMADORA A PARTIR DE SEUS EGRESSOS**

**SUMÉ - PB  
2024**

**BÁRBARA KAROLINY SOUSA PEREIRA**

**ESCOLA HERCULANO FLORÊNCIO DE BARROS COMO MATRIZ  
FORMADORA A PARTIR DE SEUS EGRESSOS**

**Monografia apresentada ao Curso de  
Especialização em Educação  
Contextualizada para a Convivência  
com o Semiárido da Universidade  
Federal de Campina Grande como  
requisito parcial para obtenção do título  
de Especialista em Educação  
Contextualizada**

**Orientador: Professor Dr. Almir Anacleto de Araújo Gomes.**

**SUMÉ - PB**

**2024**



P436e Pereira, Bárbara Karoliny Sousa.  
Escola Herculano Florêncio de Barros como matriz formadora a partir de seus egressos. / Bárbara Karoliny Sousa Pereira. - 2024.

53 f.

Orientador: Professor Dr. Almir Anacleto de Araújo Gomes.

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Especialização em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido.

1. Escola do campo. 2. Educação do Campo. 3. Memória e educação. 4. Escola Municipal Herculano Florêncio de Barros - Sumé - PB. 5. Comunidade e escola. 6. Escola como lugar de memória. 7. Fechamento de escola do campo - Sumé - PB. 8. Sítio Macambira - escola - Sumé - PB. 9. Memória escolar. I. Título. II. Gomes, Almir Anacleto de Araújo.

CDU: 37.018(043.1)

**Elaboração da Ficha Catalográfica:**

Johnny Rodrigues Barbosa  
Bibliotecário-Documentalista  
CRB-15/626

**BÁRBARA KAROLINY SOUSA PEREIRA**

**ESCOLA HERCULANO FLORÊNCIO DE BARROS COMO MATRIZ  
FORMADORA A PARTIR DE SEUS EGRESSOS**

**Monografia apresentada ao Curso de  
Especialização em Educação  
Contextualizada para a Convivência  
com o Semiárido da Universidade  
Federal de Campina Grande como  
requisito parcial para obtenção do título  
de Especialista em Educação  
Contextualizada**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof. Dr. Almir Anacleto de Araújo Gomes.  
Orientador – UAEDUC/CDSA/UFCG**

---

**Professor Esp. Léoric Fernandes Teotônio  
Examinador Externo – SME Itaporanga-PB**

---

**Professora Dra. Aldinete Silvino de Lima  
Examinadora Interna - UAEDUC/CDSA/UFCG**

**Trabalho aprovado em: 27 de novembro de 2024.**

**SUMÉ – PB**

## **AGRADECIMENTOS**

A minha amada e querida avó, Helena dos Santos Sousa (in memoriam) que deixou este plano no mês de maio deste ano, iniciei essa especialização com sua presença, e no decorrer do curso por vontade divina tivemos que nos despedir e hoje encerro esse ciclo convivendo com suas memórias e muita saudade.

A minha maior inspiração, minha mãe Maria Helena, que além de seu apoio maternal também ajudou a escrever esse trabalho através das memórias compartilhadas, pois a mesma foi durante muitos anos, a responsável pela escola Herculano Florêncio de Barros, objeto de estudo dessa pesquisa.

Aos professores que conheci ao longo da jornada, onde muitos se tornaram também inspirações, pelas aulas e conhecimentos compartilhados, e em especial, ao professor Almir Gomes, por ter sido meu orientador e ter desempenhado tal função com dedicação e amizade, assim como aos colegas de turma com quem vivenciei tantos desafios.

*São tantas memórias afetivas  
Como medir a importância social?  
Uma escola de histórias atrativas  
Guardiã de uma riqueza sem igual  
Esse verso é fruto de idas e vindas  
É resgate de falas, afetos e vidas  
Cada letra escrita, pra mim é especial*

*A escola da Macambira tem Histórias  
Que serão guardadas na lembrança  
Desde os meus tempos de criança  
Fez parte de lindas, muitas trajetórias  
Não há como apagar das memórias  
Tudo que naquele lugar foi vivido  
Nenhum aprendizado será esquecido  
Que este estudo, feito com emoções  
Acalente e aqueça aos corações  
De um tempo que por mim foi revivido.*

*Alisson Alencar*

## RESUMO

A escola de modo geral é um espaço institucional que tem a intenção de promover o desenvolvimento cognitivo, cultural e social dos alunos, é um lugar de ensino, aprendizagem e troca. Quando na modalidade do campo, propõe um ensino espelhado na realidade local, validando o ambiente rural a partir dos seus valores e potencialidades, propondo assim uma formação integral dos alunos através do campo. A escola Herculano Florencio de Barros enquanto matriz formadora através das memórias compartilhadas pelos alunos por meio de entrevistas e coleta de dados, propõe uma reflexão a respeito dos impactos da vivência escolar no campo na formação profissional de seus ex-alunos, assim como discutir a representatividade do ambiente escolar do campo na sua construção social dos antigos alunos, e por fim, relatar o processo de fechamento da escola. A metodologia foi construída a partir de procedimentos de coleta de dados, análise documental e entrevistas. Diante do mapeamento do alunado da referida escola, que teve como base as fichas escolares cedidas pela antiga direção, ao fim, confirmamos a influência escolar e familiar nas escolhas profissionais da maioria dos entrevistados, assim como constatamos a forte representatividade do ambiente escolar na construção social que foi descrita pelos ex-alunos de maneira bastante afetiva, O processo de fechamento foi descrito por todos como uma saudade, que gerou impactos a toda comunidade, causou uma lacuna social. A imagem que fica é que a escola além de cumprir sua função pedagógica e social para o aluno também cumpria fatalmente um papel social vital para a localidade que com o encerramento das atividades, foi aniquilado.

**Palavras-chave:** Memória; Escola no campo; Comunidade.

## RESUMEN

La escuela en general es un espacio institucional que tiene la intención de promover el desarrollo cognitivo, cultural y social de los alumnos, es un lugar de enseñanza, aprendizaje e intercambio. Cuando en la modalidad del campo, propone una enseñanza reflejada en la realidad local, validando el entorno rural a partir de sus valores y potencialidades, proponiendo así una formación integral de los alumnos a través del campo. La escuela Herculano Florencio de Barros como matriz instructora a través de las memorias compartidas por los alumnos mediante entrevistas y recolección de datos, propone una reflexión sobre los impactos de la vivencia escolar en el campo en la formación profesional de sus exestudiantes, así como discutir la representatividad del entorno escolar rural en su construcción social de los antiguos alumnos, y finalmente, informar sobre el proceso de cierre de la escuela. La metodología se construyó a partir de procedimientos de recolección de datos, análisis documental y entrevistas. Ante el mapeo del alumnado de dicha escuela, que tuvo como base las fichas escolares cedidas por la antigua dirección, al final, confirmamos la influencia escolar y familiar en las elecciones profesionales de la mayoría de los encuestados, así como hemos constatado la fuerte representatividad del entorno escolar en la construcción social que fue descrita por los exalumnos de manera bastante afectiva, el proceso de cierre fue descrito por todos como una saudade, que generó impactos a toda la comunidad, causó un vacío social. La imagen que queda es que la escuela además de cumplir su función pedagógica y social para el alumno, también cumplía fatalmente un papel social vital para la localidad, que con el cierre de las actividades, fue aniquilado.

**Palabras clave:** Memoria, Escuela en el campo, Comunidad.



## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1 -</b>	Desfile Cívico na rua Hugo Santo Cruz em 1997.....	<b>22</b>
<b>Imagem 2 -</b>	Escola Herculano Florêncio de Barros, sítio Macambira, Sumé – PB..	<b>23</b>
<b>Imagem 3 -</b>	Início do ano letivo H. F. B. em 2000.....	<b>24</b>
<b>Imagem 4 -</b>	Dia das Crianças na escola H. F. B. em 2008.....	<b>25</b>
<b>Imagem 5 -</b>	Festa de aniversário na escola em 1999.....	<b>25</b>
<b>Imagem 6 -</b>	Coroação do mês de maio na escola.....	<b>26</b>
<b>Imagem 7 -</b>	Primeira Eucaristia das crianças da comunidade na escola.....	<b>27</b>
<b>Imagem 8 -</b>	Festa Junina dos alunos da escola.....	<b>27</b>
<b>Imagem 9 -</b>	Festa junina da associação comunitária.....	<b>28</b>
<b>Imagem 10 -</b>	Projeto onde os alunos visitam as plantações vizinhas à escola.....	<b>29</b>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>12</b>
2.1	ESCOLA COMO GUARDIÃ DE MEMÓRIA NA COMUNIDADE.....	18
2.2	ESCOLA HERCULANO FLORENCIO DE BARROS DO INÍCIO AO FIM.....	22
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>31</b>
3.1	DADOS DA PESQUISA.....	31
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>34</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>42</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>
	<b>APÊNDICE.....</b>	<b>46</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A escola de modo geral é um espaço institucional que tem a intenção de promover o desenvolvimento cognitivo, cultural e social dos alunos, é um lugar de ensino, aprendizagem e troca. Quando na modalidade do campo, propõe um ensino espelhado na realidade local, validando o ambiente rural a partir dos seus valores e potencialidades, propondo assim uma formação integral dos alunos através do campo. A escola é o lugar onde as crianças aprendem a viver o social, e a comunidade ao redor forma um elo que fortalece ambos, escola e comunidade, ocupando o espaço de construtoras de identidades, sonhos e memórias. Nosso trabalho vai discorrer sobre a história da Herculano Florêncio Barros, escola localizada no campo, multisseriada e que fez parte de maneira significativa da vida social em comunidade e da formação profissional dos ex-alunos.

Dessa forma, compreendemos que o cenário histórico de uma escola do campo está repleto de memórias afetivas e de importância social. Seus frutos podem ser vistos atualmente, e tantos anos de história e acolhimento renderam à sociedade diversos profissionais alfabetizados e acolhidos nesse ambiente, e graças a educação do campo devolvem para a comunidade serviços que possuem seu alicerce educacional construído naquele lugar simples.

Diante disso, este trabalho propõe uma reflexão a respeito dos impactos da vivência escolar no campo na formação profissional dos ex-alunos da escola Herculano Florêncio de Barros, assim como discutir a representatividade do ambiente escolar do campo na sua construção social dos antigos alunos, e por fim, relatar o processo de fechamento da escola. Com isso, busca-se compreender o papel que a referida escola desempenhou na comunidade, assim como a comunidade concebe a sua importância e o seu processo de fechamento, através do depoimento de alguns de seus ex-alunos.

Para fins de contextualização, a Escola Herculano Florêncio de Barros está localizada no sítio Macambira, zona rural de Sumé-PB, foi construída em um terreno doado pelo, então deputado, Francisco de Assis Quintans no ano de 1987. A escola atendia as comunidades de Macambira, Santa Rosa, Riacho da Roça, Angico Torto, Pedra D'água e Gregório, onde acolhia crianças a partir dos 4 anos de idade, atendendo, as turmas do infantil até o 5º ano, e para adultos era disponibilizado programas como escola do rádio e Brasil alfabetizado. No ano de 2008 a prefeitura do município decretou o fechamento da unidade justificado pelo reduzido número de alunos, um total de 9 crianças se fazia “inviável” para o município, o fato não foi documentado apenas comunicado verbalmente a direção e funcionários da escola.

Após o fechamento da escola, o prédio foi doado para a comunidade como sede da associação rural, utilizado também como posto de saúde durante muitos anos, assim como, palco de festejos juninos, rituais religiosos como missas e coroações e eventos da comunidade em geral. Com o passar dos anos, todos esses eventos foram remanejados para outros locais ou se perderam no tempo, o que levou ao fechamento definitivo do espaço, no ano de 2011. Atualmente, o prédio que foi âncora da comunidade, se encontra abandonado.

Nesse sentido, este trabalho apresenta, a seguir, uma breve discussão sobre a educação do campo e educação no semiárido na Fundamentação Teórica. Em segunda, abordaremos a memória da comunidade e a forte relação da escola/comunidade. Posteriormente, apresentaremos a metodologia utilizada para desenvolver este trabalho. Após, discutiremos os dados coletados e sistematizados. Por fim, teceremos as considerações finais a respeito da temática.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A classe camponesa possui um histórico de exclusão e abandono pelo setor político nas mais diversas esferas, com base nos estudos realizados, notamos que desde questões de sobrevivência e condições de trabalho o campo carrega como sinônimo a luta. Luta por direitos, contra a seca, contra expropriação de terras, contra a uma educação precária que não acolhe o homem do campo, etc.

Ao recordarmos das oligarquias agrárias e monopólio da terra, notamos que os trabalhadores rurais ao longo da história receberam rótulos, como mão de obra braçal e barata, sem capacidades intelectuais, invalidando a capacidade da aprendizagem e o direito à educação de qualidade, tanto é que grande maioria dos moradores da zona rural eram analfabetos, o máximo que sabiam eram escrever seu próprio nome, como podemos observar na fala de Ferraro.

Em 1980 o número absoluto de analfabetos entre as pessoas de 15 anos ou mais ainda era mais elevado na população rural (10,0 milhões) do que na urbana (8,7 milhões). Em termos relativos, porém, a taxa de analfabetismo rural (46,3%) era 2,8 vezes superior à taxa urbana (16,8%). (Ferraro, 2012, p. 944)

O capitalismo industrial trouxe para os camponeses uma esperança de melhores condições financeiras e de sobrevivência diante do abandono por parte do Estado, em que as condições sociais ou educacionais não eram prioridades, por tanto “o interesse pela educação rural é produto dos movimentos de industrialização e urbanização do país; ou então, que passa a ser importante alfabetizar e escolarizar o campo, porque a cidade o exige” (Ferraro, 2012, p. 944). A educação oferecida nas áreas camponesas, quando não negada fatalmente, é enviada de forma precária, seguindo um padrão de desigualdade social que persegue a população do campo. No entanto, entre reivindicações, lutas dos sem terras e áreas agrárias, a educação do campo reivindica o acesso e o direito à escolarização.

È válido destacar as definições de Educação rural e Educação do campo, onde a educação rural segue um viés pautado nas demandas capitalistas, onde os camponeses recebem um ensino pautado no modelo oferecido em áreas urbanas, sem nenhum tipo de adequação às características do campesinato, tendo por intenção maior suprir demandas do mundo do trabalho industrial, como bem esclarecido por Marlene Ribeiro.

Trata-se dos camponeses, ou seja, daqueles que residem e trabalham nas zonas rurais e recebem os menores rendimentos por seu trabalho. Para estes sujeitos, quando existe uma escola na área onde vivem, é oferecida uma educação na mesma modalidade da que é oferecida às populações que residem e trabalham nas áreas urbanas, não havendo, de acordo com os autores, nenhuma tentativa de adequar a escola rural às características dos camponeses ou dos seus filhos, quando estes a frequentam. (Ribeiro, 2012, p.295)

No entanto, a educação do campo pode ser definida como uma educação que tem como sua base o protagonismo camponês, pautado nas lutas sociais e valorização da realidade e das especificidades as quais o campo está inserido, que se inspira para uma educação colaborativa, solidária e dignidade camponesa, como bem posto por Roseli Caldart.

A Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana. (Caldart, 2012, p.257)

Assim é importante destacar que muitas vezes a modalidade de ensino oferecida no campo é a educação rural, onde o alunado é formado por filhos de agricultores, pescadores, ribeirinhos, quilombolas, entre outros. De modo geral, as escolas do campo funcionam em prédios muitas vezes precários e com poucos recursos, com deficiência de profissionais, e uma equipe pequena com multifunções. Um aspecto que persegue esse modelo educacional são a deficiência de investimentos e incentivos por parte do poder público para a permanência e valorização da vivência agrícola, a educação do campo, de fato busca assegurar o acesso a educação enquanto direito de todos, mas também um ensino/aprendizagem no âmbito camponês, vinculada à sua cultura e necessidades sociais.

As comunidades rurais historicamente, e atualmente, sobrevivem e resistem a sua realidade escassa, as pessoas ali residentes dão continuidade às histórias de vida de seus antepassados, permanecem em territórios e com práticas agrícolas que herdaram de seus familiares e as transmitem para seus sucessores.

As escolas do campo além de possibilitar às novas gerações estudar e ter sua formação cidadã construída nas suas raízes, que é um direito, o espaço além de sala de aula é um espaço de união e confraternização de uma comunidade, a retirada desse direito desestabiliza uma comunidade, quebra os vínculos e impacta negativamente os âmbitos sociais, políticos e econômicos. A escola Herculano Florêncio de Barros é um exemplo desse cenário escolar simples e acolhedor que já chegou a receber cerca de 50 alunos matriculados, por dia, nos 3

horários, e como espaço social recebeu todas as comunidades circunvizinhas para seus eventos coletivos, toda essa história hoje é apenas lembrança para aquela localidade, em especial para seus egressos.

Segundo Caldart (2000), a educação do campo pode ser compreendida como um fenômeno social constituído por aspectos culturais, políticos e econômicos. E é sobre isso que vamos discutir a partir de agora, pois surge por meio de lutas e reivindicações de movimentos sociais do campo, onde camponeses buscam validar o direito à educação para todos e a validação de políticas públicas que assegurem tal direito e legitimem os conhecimentos vinculados à vida no campo. O Brasil se destaca historicamente na dicotomia entre a educação que é ofertada no âmbito rural e urbano, a precariedade assola a educação pública no país, no entanto a educação rural é fatalmente atingida por esse fator, e em comparação com as ofertas ao setor urbano, o campo fica com as “sobras da cidade”, recursos excesso e de baixa qualidade, recebendo tratamento periférico pelo governo.

Essa configuração se estende ao longo da história brasileira, e os sujeitos dessa realidade buscam condições emancipatórias, é o que fazem os movimentos e grupos sociais. Em 1988 foi realizada a 1ª conferência nacional por uma educação básica do campo, a partir de então gerou-se um movimento com essa titulação, com o intuito de atuar politicamente na busca pela igualdade escolar no campo (Martins, 2020, p. 20). Esse é considerado um marco histórico que desencadeia mobilizações sobre a escola do campo; em 2001 é aprovada pela conselho nacional de educação as diretrizes operacionais para uma educação básica nas escolas do campo (CNE), em 2003 nasce no MEC a coordenação da educação do campo e em 2008 é aprovada pelo CNE as diretrizes complementares da Educação Básica, atribuindo responsabilidades à esfera federal e ao sistema de ensino, visando seus direitos, práticas pedagógicas, recursos didáticos, que devem atender as especificidades e vinculação dos conteúdos aos conhecimentos e saberes da comunidade proporcionando um diálogo contextualizado e o cumprimento do direito à educação escolar das populações do campo.

A educação desenvolvida nas escolas do campo parte de uma proposta pedagógica curricular que identifica o contexto real de uma comunidade, considerando o socioeconômico e cultural em que está inserida, buscando a valorização da identidade e cultura camponesa de agricultores, criadores, extrativistas, “sem-terra”, Indígenas, pescadores, ribeirinhas, quilombolas, caiçaras, etc. Assim, as atividades desenvolvidas pelas famílias, de forma direta ou indireta envolvem e constituem a identidade dos sujeitos, abrindo espaço, voz e vez aos estudantes que podem transformar o campo e as condições daquele lugar, que utiliza o trabalho como elemento articulador de prática pedagógicas, na formação de crianças e jovens, esse

processo consegue socializar as práticas do trabalho como o plantio, colheitas, questões estruturais como estradas, poços e celebrações com o âmbito escolar, dialogando aprendizado e vida.

A escola do campo vem contradizendo a visão pejorativa que comumente é associada ao ambiente rural e que fortalecem a divisão e o preconceito existente que o associa ao atraso, ao que é rude, à precariedade, ao jeca, pobre e conseqüentemente associa a figura do homem do campo como matuto e sem educação, como podemos observar na citação abaixo, onde Martins discute:

A escola, da maneira como está estruturada, colabora com a manutenção dessa dicotomia. Ao se estabelecer como apêndice da escola urbana, ela reproduz a ode ao urbano presente já na Grécia, ou mesmo na formação das palavras: cidade e polis relacionam-se com cidadania, polido; enquanto rural refere-se a rude. Enfim, a escola acentua a figura do homem do campo como um “caipira”, “bicho do mato” e coloca enquanto função educativa a necessidade de “civilizar” o homem do campo. (Martins, 2020, p. 90)

A escola situada na zona rural, geralmente é isolada, de pequeno porte e mesmo associada a ideia de ter a função de civilizar o homem do campo, no entanto, é o espaço onde existe uma identidade em construção não para a civilização mas uma busca por um processo contínuo de formação de sujeitos e emancipação, pois o campo é um espaço social de vida e de movimento e a educação não se limita apenas às paredes das escolas e aos saberes pedagógicos, pois sala de aula se torna um espaço de conexão entre os saberes, visando uma educação emancipatória e diversa que supera tantas terminologias negativas, Assim, Caldart define a educação do campo como um movimento que nasce em contraposição ao padrão hegemônico presente na sociedade brasileira, que busca um sistema de ensino que valide as diversas realidades do campo.

A Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana (Caldart, 2012, p. 259).

Partindo do preceito que a educação do campo vai além do ensino formal, entendemos que a escola física também é um espaço de união entre a comunidade e a educação, onde se torna possível reunir moradores e promover debates e discussões fundamentais para a localidade. O que de fato acontecia na escola Herculano Florencio de Barros, onde através da



associação rural dos sítios o espaço escolar promovia o debate de questões estruturais políticas que impactam efetivamente na manutenção da vida e sobrevivência daquelas famílias, ou seja, a educação do campo para além da pedagógica, mas na formação humana e social. Podemos citar um ponto crucial para o homem do campo que reside no semiárido: a escassez hídrica, que, além de ser uma questão de sobrevivência, é também uma questão vinculada ao saber pedagógico, pois entender o nosso clima e as questões geográficas, impactam nas estratégias para lidar com a seca, como por exemplo o armazenamento de água em épocas chuvosas.

Toda a discussão sobre a água interfere totalmente na sobrevivência do homem do campo, assim como no seu trabalho envolvendo a agricultura e pecuária pois a vida no campo acontece de forma integral e coexiste, onde todas as questões estão interligadas, e o funcionamento do prédio escolar impactou no social da comunidade, pois através da associação em parcerias pode ser viabilizada a construção de cisternas para o armazenamento de água e oferecido treinamento para o manejo correto e saudável, o que resultou em água potável para as famílias.

A escola do campo apresenta uma proposta pedagógica curricular que busca a contextualização das realidades culturais, econômicas e sociais em que estão inseridos, tendo como ponto de partida as famílias que residem nas comunidades com o intuito de se pensar a identidade camponesa. Assim, para que haja uma verdadeira educação contextualizada é preciso que se trabalhe com um processo de integração e ressignificação de saberes, validando os conhecimentos prévios que possuem e proporcionar novos significados e sentidos.

A contextualização é um processo facilitador da compreensão do sentido das coisas, dos fenômenos e da vida, enfatizando informações que os estudantes têm e, encorajando a busca de novas informações a partir dessas. Enfim, contextualizar implica em problematizar o objeto de estudo a partir dos conteúdos, dos componentes curriculares, fazendo vinculação com a realidade, situando-os no contexto e retornando com um novo olhar. (Silva, 2011, p. 24)

A escola em função formadora de cidadãos tem o papel de facilitar a compreensão da realidade qual os alunos estão inseridos, é revisitar a história proporcionando novos entendimentos para que se pense na origem, de onde vieram e quais caminhos percorridos para que se chegasse a realidade atual, e além disso descobrir novos caminhos para a construção de um futuro sempre melhor. Na escola H. F. de B. essa contextualização acontecia de diversas maneiras, um exemplo que podemos citar foi a construção das primeiras cisternas da comunidade que mudou completamente a vida em relação a seca, por tanto foram feitas capacitações para as famílias e na escola a temática foi trabalhada mais profundamente em sala

de aula para que as crianças transmitam em casa o que aprenderam sobre o reservatório e também fizessem e ensinassem o manuseio correto aos pais.

Em sala de aula aprenderam sobre a captura da água, o tratamento e o manuseio, assim como aprenderam sobre qualidade da água, questões hídricas locais e até a possibilidade de plantações de pequeno porte como hortas. Outro exemplo que podemos citar foi um projeto sobre agricultura familiar, onde os alunos entenderam melhor sobre a agricultura da comunidade e puderam até visitar uma área de plantação chamada roçado, e aprender um pouco mais sobre o que seus próprios pais plantavam e colhiam no cultivo de feijão, milho, jerimum, melancia, mangueira, goiabeira, palma, entre outros. Portanto, percebemos nesses exemplos, ações que puderam transformar a aprendizagem de conteúdo, problematizando as temáticas a partir da realidade local e conseqüentemente trazendo um novo sentido ao conhecimento e potencializando as possibilidades existentes.

As escolas do campo ocupam espaços centrais nas comunidades, onde acontece a manutenção da vida social entre as famílias, é uma unidade de dimensão solidária e cooperativa, um lugar de encontro, isso está presente no chão da escola, no dia a dia dos alunos. A cultura camponesa parte do princípio de humano e natureza, cultivar, criar e cuidar, a agricultura e a resistência fazem parte dessa identidade, mesmo diante das precariedades, esquecimento político e desigualdades a aprendizagem acontece, direta ou indiretamente, para todos ao redor.

O semiárido é associado ao noção de atraso, seca e miséria, uma área brasileira que se caracteriza por irregularidade de chuvas com alta taxas de evapotranspiração, com grande diversidade de vegetação com mais conhecida como o cacto, e também destaque na produção agricultura e pecuária no país, o bioma conta com cerca de 1.037 espécies animais, com grande diversidade de solos, onde diariamente os sujeitos superam quaisquer adversidades. Mas a educação contextualizada parte do olhar construtor, que a partir de concepções da pedagogia preservam a singularidade daquele local, e como bem descreve Malvezzi (2007, p. 8), o “semiárido não é apenas clima, vegetação, solo, sol ou água. É povo, música, festa, arte, religião, política e história. É processo social. Não se pode compreendê-lo de um ângulo só.”

As experiências e práticas vividas no campo e no chão da escola tornam o povo sertanejo, indígena, ribeirinhos, etc. protagonistas de suas histórias, com um riquíssimo potencial que precisam apenas ser respeitadas e reconhecidas socialmente, desmistificando a visão de um lugar sem condições de vida, mas sim valorizando seus sentidos e significados. A vida no campo ensina ao mundo como conviver em harmonia com as adversidades climáticas, respeitando e se adequando às limitações naturais, e utilizando de estratégias para usufruir das

potencialidades e especificidades, assim como, lidar com as precariedades estruturais e desigualdades sociais.

## 2.1 ESCOLA COMO GUARDIÃ DE MEMÓRIA NA COMUNIDADE

Um lugar de memória vai muito além de espaço físico demarcado geograficamente, e pode ser inserido no âmbito da imaterialidade, pois um lugar pode ser um elemento temporal e sociocultural já a memória ocupa um espaço político e social, mas também um espaço de história, lembranças e sentimentos. Desse modo, um lugar de memória, como é a escola Herculano Florencio de Barros é um espaço físico e imaterial onde se construiu diversas narrativas aos longos dos anos, e através da memória que permanece presente e viva na vida das pessoas, transmitindo a presença viva do passado que faz parte da construção da nossa identidade enquanto ser social, assim construímos heranças que são parte do sentimento de pertencimento.

Cada pessoa cria sentimentos e vínculos afetivos com a sua família, a sua escola, a sua pátria, o que gera uma herança memorial, e como discorre Catroga (2015, p. 29) “mesmo no campo estritamente subjetivo, cada indivíduo, ao recordar a sua própria vida (ou melhor, certos aspectos ou acontecimentos dela), une os instantes do seu iter existencial numa espécie de linhagem contínua e finalística”. Ou seja, cada indivíduo guarda recordações de suas vivências, e a escola é um desses espaços onde o ser constroi memórias, laços, identidade, um momento da sua própria existência.

Um lugar, principalmente a escola, é um espaço que gera memórias, que constituem uma identidade e experiência coletiva, que impactam o indivíduo e a comunidade onde está inserido. A escola H. F. B. retrata exatamente esse aspecto individual/coletivo, todos que passaram por aquele ambiente de forma direta ou indireta estão interligados inevitavelmente. Um espaço físico e temporal, cultural e social para aquela localidade, onde se construíram lembranças e ensinamentos sociais, que de algum modo fez um papel político e social, mas que também está presente nas memórias de quem por ali passou, especialmente como aluno.

Ciavatta (2005), cita as considerações de Pierre Nora, onde ele discorre sobre a fragilidade da memória, e como as lembranças são corroídas pelo tempo e espaço, assim percebemos como a H. F. B. se tornam uma ponte de volta à história, à infância e à juventude. “Descarta-se o passado cada vez mais rapidamente, perde-se a visão da totalidade, há uma ruptura de equilíbrio. Com isso cresce a curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza

e se refugia neste momento particular da história. É uma memória dilacerada que se confunde com a ruptura com o passado” (Ciavatta, 2005, p. 11).

Mesmo diante de certa do enfraquecimento das lembranças, com o tempo, a memória da escola desperta recordações e sentimentos da infância, a vivência em grupo, as transições de infância e adolescência, as brincadeiras, as festividades, a juventude, o pertencimento, as amizades, os amores e até mesmo as decepções, individuais e coletivas, de alunos e habitantes da região, pois a comunidade compartilhava de alguma maneira a vitalidade que aquela escola exalava.

A identidade é construída através das experiências, dos ensinamentos, dos valores e do modo de agir e pensar desde a primeira infância até nossas atitudes atuais, o que de certa forma, mantém a nossa ligação com o passado. A escola constroi sua identidade através de seu corpo docente, alunos, colaboradores, e seu entorno de modo geral, de um jeito dinâmico e processual, assim como a própria vivência escolar para os alunos é parte fundamental dessa construção de si.

A H. F. B. Apresenta essa imagem de vivências e relações com alunos, famílias e comunidade, a personalidade escolar, cultural e local, onde as histórias se dão através do contexto rural, a economia voltada para a agricultura, onde o campo é a realidade experienciada pelas crianças e jovens alunos. Todos esses aspectos formam um lugar de memória.

Com isso queremos dizer que a identidade que cada escola e seus professores, gestores, funcionários e alunos constroem é um processo dinâmico, sujeito permanentemente à reformulação relativa às novas vivências, às relações que estabelecem. De outra parte, esse processo está fortemente enraizado na cultura do tempo e do lugar onde os sujeitos sociais se inserem e na história que se produziu a partir da realidade vivenciada, que constitui ela mesma “um lugar de memória”. (Ciavatta, 2005, p. 13).

Desse modo, entendemos que, ao longo da vida, as memórias dos sujeitos sofrem uma espécie de atualização, uma reorganização, onde as lembranças se renovam e recebem novos significados e sentidos, o que, conseqüentemente, influencia a própria identidade, como o indivíduo se enxerga e age, mantendo uma conexão com o passado, porque as vivências passadas influenciam diretamente em quem somos, nossos conhecimentos e personalidade.

Segundo o autor Alexandre Zarias (2003), a situação do Brasil na década de 90, época do início das atividades da Escola Herculano Florêncio de Barros, nos ajudará a entender a situação vivenciada no país. Trata-se de uma década marcada por mudanças e baixo crescimento econômico, o que afetou negativamente a estrutura financeira do país e,

consequentemente, acentuou o desemprego, as desigualdades econômicas e sociais, especialmente na região Nordeste.

A característica mais marcante do período é o aumento da desigualdade social das famílias em termos de renda auferida, cujo estrato mais prejudicado é referente aos trabalhadores das regiões metropolitanas, e o agravamento da desigualdade na distribuição de renda em termos regionais, destacando-se negativamente o processo de empobrecimento da região Nordeste, devido ao seu baixo desempenho econômico. (Zarias, 2003, n.p.)

Em um cenário de pobreza e condições de vida precárias, desigualdades sociais e ainda a questão climática predominante na região do Cariri paraibano, com déficit hídrico, e o abandono político que ainda hoje é presente, a simplicidade e a resistência eram características mais fortes da comunidade rural do sítio Macambira, onde a escola está localizada. A comunicação era realizada por meio de rádio e televisão; na época, as comunidades pequenas não enfrentavam problemas de violência, mas com a partida dos moradores para grandes centros urbanos, pois essa era, muitas vezes, a rota de fuga para pessoas fugirem das condições precárias e falta de oportunidades.

E a escola dentro desse contexto, muitas vezes sem merenda, com as deficiências da época era um espaço de acolhimento, tranquilidade e aprendizagem. Não só para os alunos, mas para as famílias circunvizinhas, era o espaço da festa junina, dos encontros religiosos onde acontecem missas ou as visitas de missionários, onde o médico, uma vez ao mês, vinha para a comunidade atender as pessoas, medir o peso e o desenvolvimento das crianças. Era também o lugar onde aconteciam as reuniões da associação rural onde os sócios discutiam questões importantes para o grupo e a democratização, mas também era o lugar das confraternizações, dia das mães, dia dos pais, dia das crianças, um lugar de festa e encontros.

De acordo com Karla R. B. Oliveira (apud Halbwachs, 2003, p. 26), “Defende que a memória é uma produção coletiva e que as nossas recordações são fortalecidas ou enfraquecidas pelas pessoas com quem nos relacionamos” (Oliveira, 2021, p. 50). Assim, é exatamente essa produção coletiva que a H.F. B. desencadeou na comunidade nos seus 21 anos de funcionamento, um espaço de criação e manutenção da memória local, e é através dela que podemos voltar ao passado, através das lembranças e recordar o que aprendemos e sentimos em conjunto, pois essas memórias fazem parte da construção social do indivíduo.

A dinâmica em pequenas comunidades rurais é caracterizada pela união e solidariedade, a tranquilidade de reconhecer e pertencer a um determinado lugar. “A vida em sítios e vilarejos rurais, muitas vezes, tem uma característica comunitária, o que contribui para o fortalecimento

dos laços afetivos, tanto com a família quanto com os (as) vizinhos (as) - que muitas vezes também são familiares” (Oliveira, 2021, p. 64).

Nas falas dos entrevistados, como veremos a seguir na discussão dos dados, podemos sentir como a vivências escolar no campo foram importantes para aquelas crianças e como a descrição que elas fazem dialoga com essa imagem descrita anteriormente do que era o ambiente rural enquanto eles eram alunos. Um tempo feliz, de contato com a natureza e a imaginação, onde as crianças estudavam perto de suas casas, não precisavam se deslocar por quilômetros para chegar a escola (como acontece hoje em dia), é uma maneira dos pais oferecerem aos filhos a oportunidade que não tiveram, acesso a educação.

Como de costume, as escolas rurais, anos atrás, possuíam estrutura pequenas, muitas vezes eram chamado até de grupos escolares pois eram pequenos com no máximo duas salas de aulas, nesse cenário de pouco espaço o ensino multisseriado era inevitável, poucos recursos, um número menor do que as escolas das cidades, poucos profissionais capacitados, então era comum esse cenário, que foi a realidade da H. F. B. Escola multisseriada com apenas uma sala que atendia crianças da alfabetização até o 5º ano.

A partir do ano 2008 iniciou se o processo de fechamento de algumas escolas da zona rural do município de Sumé, PB, a justificativa dado a comunidade foi o baixo número de alunos na comunidade, por tanto todas as crianças e funcionários da escola foram realocados para a cidade, onde se prometia melhor estruturas e condições aquela crianças. Daí por diante, diversas problemáticas acompanham esse descolamento, estradas de péssima qualidade, em tempos de chuvas risco com a lama, o cansaço pois o transporte ocorre muito cedo, no entanto é o que caracteriza a situação atual dos alunos moradores da zona rural.

O cenário escolar é um lugar simbólico, para todos, os que frequentam diariamente ou que estão em seu entorno, cheio de recordações e sensações, recordar o tempo da escola é trazer ao presente o que foi vivido, em uma espécie de teletransporte aos cheiros, gostos e sentidos. É trazer a tona a imagem do pátio onde aconteciam as brincadeiras, a cantina onde era preparado e servido o lanche, as salas de aulas onde tudo acontecia, os armários cheios de livros antigos, o quadro e giz, o percurso até a escola, alguns iam de a pé, outros de bicicleta, em dias de sol, de chuva e de lama. “Além de ativar lembranças, a escola perpetua ritos, sentimentos, conhecimentos e comportamentos. Ou seja, ela é ao mesmo tempo, promotora e guardiã de memórias (Oliveira, 2021, p. 75).

## 2.2 ESCOLA HERCULANO FLORENCIO DE BARROS DO INÍCIO AO FIM

Nesta seção, vamos contar um pouco da história da escola, desde a sua construção até seu fechamento e ilustrar através de fotos a ligação do ambiente escolar e a comunidade a qual estava inserida. Assim, a comunidade rural localizada no cariri paraibano do município de Sumé, nomeada sítio Macambira, é o local onde foi construído o prédio da escola, nos entornos dessa localidade temos sítios circunvizinhos como Santa Rosa, Riacho da Roça e Angico Torto, no entanto a escola já recebeu alunos dessas e de comunidades mais distantes como Pedra D'água, Serrinha e Gregório.

Um dos momentos especiais da H.F. B., foi a participação no desfile municipal, na imagem seguinte observamos os alunos do campo participando do desfile cívico do ano de 1997 na cidade de Sumé, as crianças carregam a faixa que representa a comunidade escolar à qual pertenciam. Participar de um evento como esse era de grande estima, pois além de desfilar pelas tradicionais ruas da cidade e comemorar a independência do Brasil, também era o momento de reunir toda a comunidade de modo geral e escolar para prestigiar os desfiles.

**Imagem 1-** Desfile Cívico na rua Hugo Santo Cruz em 1997.



A educação na comunidade teve início no ano de 1987 quando a escola foi inaugurada, o terreno foi doado à prefeitura por um grande latifundiário da comunidade, e o poder público

municipal realizou a obra, assim se deu início a essa grande história. O prédio recebeu o nome de Herculano Florêncio de Barros em homenagem a um morador e latifundiário da região, o primeiro dono de toda a extensão do sítio Macambira, localidade onde foi construída a escola.

A escola consistia em um prédio com uma sala de aula, uma cozinha, uma despensa e dois banheiros, as funcionárias que fizeram parte dessa história e acompanharam a escola do início ao fim são Maria Helena dos Santos Sousa como professora, diretora, c funções na área pedagógica e Rita Maria Barros de Sousa como auxiliar de serviços gerais e cozinheira.

Na imagem a seguir, feita na década de 90, a escola havia sido inaugurada a alguns anos e notamos a simplicidade do ambiente rural, a vegetação nativa ao fundo, e 16 crianças de idade diferentes junto a professora, exemplificando a realidade de um ensino multisseriado, diversas crianças, de séries e idades diferentes em uma única sala de aula.

**Imagem 2** - Escola Herculano Florêncio de Barros, sítio Macambira, Sumé – PB.



**Fonte:** Acervo da autora.

A escola possuía funcionamento variado de acordo com a demanda, alguns anos em dois turnos, em outros em apenas um turno e chegou a funcionar até os três horários, manhã e tarde com multisseriado e a noite com programas como “Brasil Alfabetizado”, “Supletivo” e “Escola do rádio”. A escola contava com todos os aparatos necessários para o funcionamento quando inaugurada, como birô, quadro, armários, livros, utensílios para a cozinha, mimeógrafo e micro system. A merenda, ponto delicado nas escolas públicas na época, muitas vezes não dava para o mês todo, no entanto, providências eram tomadas, e as funcionárias levavam de suas casas os ingredientes necessários para que o lanche não faltasse, mas algumas vezes realmente não tinha como complementar e não tinha merenda.



O número de matrículas também era variável e mudava de acordo com os anos, mas geralmente uma ordem decrescente no ensino regular, como podemos observar na tabela e gráficos mais a frente, nas imagens a seguir, vemos ilustrado essas variações de matrículas. Na primeira cerca de 20 crianças, alunas do turno da manhã com cenário do semiárido sempre presente nas fotografias, retratando o cenário rural caririzeiro, já na segunda vemos uma comemoração do dia das crianças com cerca de 10 crianças por volta dos anos 2007/2008.

**Imagem 3** - Início do ano letivo H. F. B. em 2000.



**Fonte:** Acervo da autora

Houve anos em que a escola recebeu até 33 alunos e, nos últimos, chegou a matricular apenas 9 alunos. As crianças estudavam desde a alfabetização até o 5º ano na mesma escola e com a mesma(o) professora(o), nessa última fase eles eram transferidos para estudar na cidade em escolas maiores do município que ofereciam o ensino fundamental II. Mas enquanto alunos e residentes da comunidade, participavam de todos os festejos realizados naquele ambiente, era o lugar de diversão em uma realidade que não tinha muitas opções de lazer.

**Imagem 4** - Dia das Crianças na escola H. F. B. em 2008.



**Fonte:** Acervo da autora.

A escola também era o local onde se realizavam aniversários, como observamos na imagem a seguir, ao fundo o quadro negro de giz e as características de como eram realizados os aniversários nos anos 2000.

**Imagem 5** - Festa de aniversário na escola em 1999.



**Fonte:** Acervo da autora.

O prédio escolar era uma âncora para a comunidade, era sede da associação rural das comunidades, onde mensalmente os sócios participavam das reuniões, era também posto de saúde onde recebia médico, dentista, enfermeiro, agente de saúde, e era feita a distribuição de medicamentos, assim como espaço para festividades religiosas locais como missa, louvores, primeira eucaristia e coroações.

**Imagem 6** - Coroação do mês de maio na escola.



**Fonte:** Acervo da autora.

Na imagem acima, vemos uma celebração religiosa católica muito comum nas comunidades naquela época, onde, aos 30 dias do mês de maio, era realizada a coroação de Nossa Senhora, um momento de louvores, orações e encenações da Sagrada Família e dos anjos, com a participação das crianças e famílias locais. E na fotografia abaixo, temos registrado o momento da primeira eucaristia das crianças da comunidade, onde o padre da paróquia se deslocou para a comunidade para realizar a missa e a cerimônia da eucaristia com os jovens. Ambas imagens se tratavam de momentos de expressão de fé, que reuniam as famílias no espaço da Herculano Florêncio de Barros que era o ambiente onde tudo acontecia, e as famílias das comunidades se faziam presentes nesses momentos.

**Imagem 7** - Primeira Eucaristia das crianças da comunidade na escola.



**Fonte:** Acervo da autora.

A escola também era espaço para festas, quadrilhas juninas da associação e da escola, com casamentos matutos, comidas típicas, forró e muita diversão.

**Imagem 8** - Festa Junina dos alunos da escola.



**Fonte:** Acervo da autora.

Além disso, era o espaço onde a comunidade e os alunos celebravam o dia das crianças, dia dos pais, dia das mães, carnaval, entre outros. Assim, vivenciavam de forma coletiva a vida simples, o trabalho no campo, o manejo de animais, a sobrevivência com a seca e os períodos chuvosos, com todas as adversidades de se trabalhar e morar na zona rural, tantos momentos compartilhados se tornaram lembranças vivas do passado.

**Imagem 9** - Festa junina da associação comunitária.



**Fonte:** Acervo da autora.

A escola funcionou durante 21 anos e gerou diversos frutos, hoje é possível olhar essa trajetória e observar uma grande quantidade de crianças que foram alfabetizadas neste ambiente e hoje atuam em nossa comunidade e também fora dela, nas mais diversas áreas de conhecimentos. Muitos continuam na comunidade, vivendo da agricultura e do trabalho no campo, outros buscaram novos horizontes em outras cidades e muitos deram continuidade a vida acadêmica e atuam de alguma forma, na nossa cidade, na nossa comunidade e região de algum modo.

A H. F. B. gerou frutos e possui mais de 400 ex-alunos que hoje em dia atuam nas mais diversas áreas profissionais, como: Pecuáristas, agricultores, produtor de leiteiros de leite de cabra, vaqueiros, empresários, professores, odontólogos, engenheiros, enfermeiros, veterinários, donas de casa, motorista, cabeleireiros, mototáxi, marceneiros, pedreiros, diaristas,

entregador, entre tantos outros profissionais que de certo modo, iniciaram as primeiras fases da aprendizagem na escola no campo.

**Imagem 10** - Projeto onde os alunos visitam as plantações vizinhas à escola.



**Fonte:** Acervo da autora.

O fim dessa jornada se deu com fechamento no ano de 2008 de maneira informal, com um comunicado verbal por parte da secretaria de educação do município à direção da escola, justificada pelo o baixo número de matrículas na instituição e a inviabilidade de mantê-la aberta com cerca de 9 alunos, direcionando assim, as crianças da comunidade para a cidade, levadas de ônibus as 6 horas da manhã da zona rural para cidade com previsão de retorno para casa a partir de 13:00 horas, o que segundo a gestão seria mais viável, e esse é o cenário que permanece atualmente.

A maioria das escolas no campo do município de Sumé foram fechadas, Escolas fechadas no município a partir dos anos 2000: Herculano Florencio de Barros no sítio Macambira, Maria do Carmo de Freitas de Moura no sítio vista alegre, Escola Manoel Clementino Leite no sítio Angico Torto, e a escola Manoel Paulino de Sousa no sítio Riacho da Roça, Umeief Esmerino Barbosa no sítio Terra Vermelha.

Em 2018 mais três foram nucleadas: UEIEF Rodolfo Santa Cruz, localizada no sítio Pitombeira, Escola Municipal Marcolino de Freitas Barros, situada no Sítio Carnaúba de Cima, e Escola Municipal Senador Paulo Guerra localizada no Assentamento Mandacaru. Atualmente apenas 3 estão em funcionamento: UMEIEF João de Sousa no sítio Conceição, UMEIEF

Manoel Inácio no sítio Poço da Pedra, UMEIEF José Bonifácio Barbosa de Andrade no distrito de Pio X.

Conclui-se, assim, a análise histórica deste ambiente, que estava intrinsecamente ligado à comunidade qual estava localizada e hoje é guardiã das histórias, das memórias, espaço que faz com que o passado esteja vivo e presente sempre que é lembrado, e com as fotos podemos compreender melhor toda a afetividade e importância social cultural de uma escola no campo.

### 3 METODOLOGIA

A metodologia foi construída a partir de procedimentos de coleta de dados, análise documental e entrevistas. Diante do mapeamento do alunado da referida escola, que teve como base as fichas escolares cedidas pela antiga direção, com essa documentação foi possível a elaboração de uma tabela que nos apresenta o fluxo de matrículas realizadas por ano durante toda a existência da escola.

#### 3.1 DADOS DA PESQUISA

A tabela a seguir tem o intuito de apresentar aos leitores os dados relacionados a matrículas para que possamos observar a quantidade crianças e suas respectivas idades por ano e por séries, para que assim seja mais simples acompanhar as mudanças vividas pela Herculano Florencio de Barros ao longo dos anos. Todas as informações presentes aqui foram retiradas de arquivos pessoais da antiga professora Maria Helena Dos S. Sousa.

A tabela está dividida por colunas que dividem o ano, a quantidade total de matrícula no respectivo ano e o número de crianças e as idades em cada série, e assim poderemos observar o fluxo de alunado de forma geral e isolado de acordo com a coluna, do primeiro até o último ano de funcionamento.

**Tabela 1** - Dados de matrícula da escola Herculano Florêncio de Barros por ano

Ano	Total de matrículas	Alfabetização/ Pré <sup>1</sup>		1ª Série		2ª Série		3ª Série		4ª Série	
		Aluno	Média Idades	Aluno	Média Idade	Aluno	Média Idade	Aluno	Média Idade	Aluno	Média Idades
1987	33			24	6 e 19	3	12 anos	4	11 e 12	2	11 e 14
1988	29			21	6 e 18	0	0	2	13 e 14	6	12 e 17
1989	26			17	6 e 17	4	12 e 15	0	0	5	12 e 17
1990	23			14	6 e 12	3	11 e 15	3	13 e 16	3	15 e 18
1991	25			15	5 e 13	2	11 e 12	4	11 e 16	4	14 e 19
1992	31	6	5 e 8	8	7 e 18	6	8 e 14	4	12 e 18	7	12 e 19
1993	27	7	6 e 7	5	8 e 10	6	10 e 15	5	11 e 18	5	14 e 21
1994	18	5	6	2	8 e 9	4	9 e 13	6	9 e 16	1	12
1995	23	7	4 e 10	5	7 e 9	3	9 e 10	5	10 e 17	3	11 e 17
1996	20	5	5 e 8	3	8 e 9	3	8 e 11	3	9 e 11	6	11 e 18
1997	17	4	4 e 5	6	6 e 12	4	9 e 12	2	12	1	11

<sup>1</sup>A alfabetização chegou à escola em 1992 e a partir do ano 2000 passou a ser chamada de Pré.

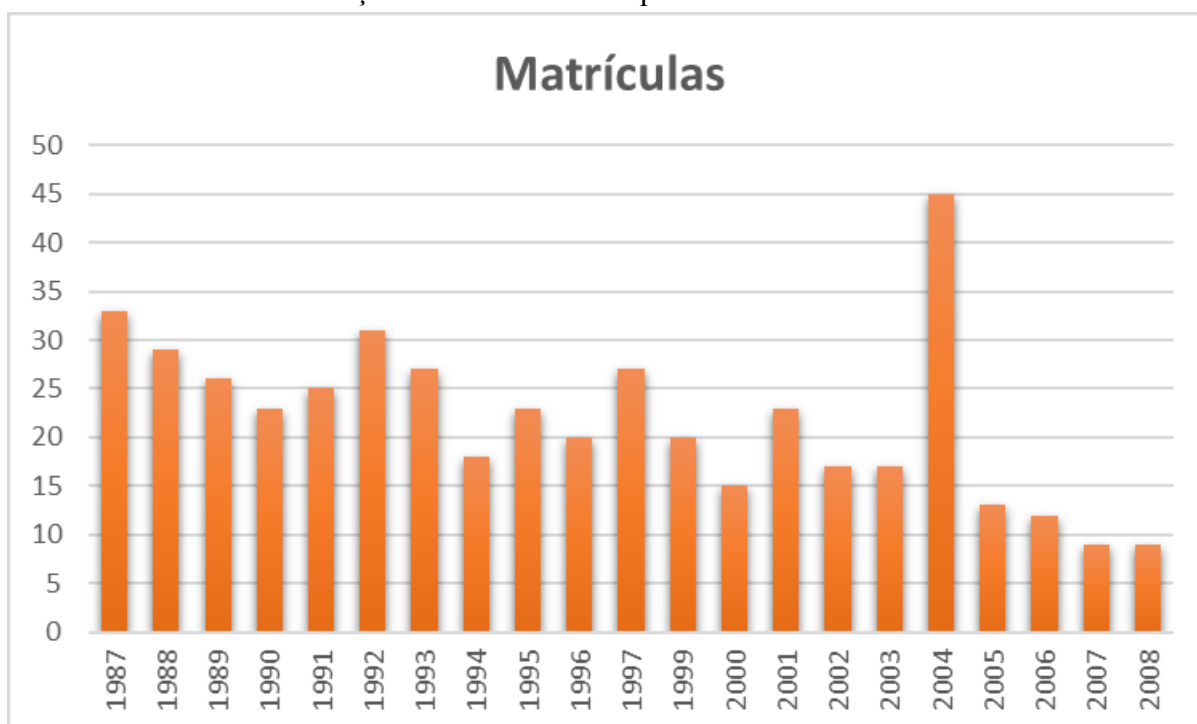


1997 jovens e adultos	10	25 e 6	23 e 30	3	25 e 35	5	19 e 32				
1998 <sup>2</sup>											
1999	20	4	5 e 6	0		10	7 e 13	3	9 e 11	3	11 e 14
		PRÉ									
2000	15	4	5 e 6	2	6 e 7	1	8	5	9 e 15	3	10 e 13
2001	23	6	4 e 6	3	5 e 7	3	8 e 16	7	9 e 15	4	9 e 13
2002	17	3	5 e 6	3	6 e 7	3	9 e 17	3	11	5	8 e 13
2003	17	3	5 e 6	5	6 e 13	2	7	2	10	5	11 e 21
2004	15	1	5	7	6 e 11	3	7 e 22	3	8 e 11	1	12
2004 supletivo	28	28	15 e 35								
2005	13	1	5	5	6 e 9	4	7 e 10	0	0	3	8 e 12
2006	12	1	6	5	7 e 10	0	0	4	8 e 11	2	13
2007	9	1	5	1	10	4	8 e 11	1	10	2	9 e 12
2008	9	2	4	3	6 e 15	0	0	3	9 e 12	1	11

Fonte: Dados da pesquisa

Apresentamos a seguir o gráfico, que mostra o alunado por ano, vemos que as matrículas apresentam variações de acordo com os anos, nas décadas de 87,88, 92, 93, 97 e 2001 se apresentam como os anos com a maior quantidade de matrículas no ensino regular com uma média entre 30 e 25 alunos, já o ano 2004 é um diferencial no gráfico, com o maior número de matrículas, foge da média por se tratar de um ano que além do ensino regular também matriculou jovens e adultos em outros programas educacionais como o supletivo, por exemplo. Já a partir dos anos 2005 até 2008 as matrículas sofrem uma queda e o aluno cai e fica em uma média de 15 a 8 alunos matriculados.

<sup>2</sup>Não foram encontrados os dados deste ano.

**Gráfico 1** - Evolução das matrículas no período de funcionamento da escola

**Fonte:** Dados da Pesquisa

As entrevistas apresentadas abaixo, tem como objetivo, conhecer os antigos alunos e através das suas falas compreendermos como a vivência escolar no campo foi representativa na vida profissional deles, assim como observarmos a questão das memórias afetivas vinculadas a infância vivenciada naquele ambiente rural, e por fim, sabermos suas considerações a respeito do fechamento da mesma. A entrevista está organizada em 6 perguntas que buscam pontuar as temáticas citadas anteriormente.

### **Entrevista**

1. Nome completo, idade, endereço e profissão.
2. Qual o ano da sua entrada na escola Herculano Florencio de Barros? Por quantos anos se manteve matriculado (a)?
3. A vivência escolar teve influência na sua escolha profissional? De que maneira?
4. O que a escola H.F. B representou na sua infância? e hoje?
5. Cite uma memória afetiva que você guarda do ambiente escolar rural?
6. Enquanto residente do município, com vínculo com a comunidade onde a escola está localizada, como você avalia a comunidade antes, com o funcionamento do prédio e hoje após o fechamento?

## 4 ANÁLISE DE DADOS

Ao longo desta pesquisa, revisitamos de diversas maneiras o passado da escola Herculano Florencio de Barros, através de documentos, fotos, memórias, entrevistas com antigos alunos, tabela e do gráfico. No decorrer dessa jornada, iniciada em 87, observa-se uma mudança na quantidade de alunos que frequentavam a escola, no gráfico vemos que a quantidade matrículas se inicia com cerca de 30 alunos e essa média se mantém entre 30 e 20, alguns anos, há uma baixa se tratando do ensino regular multisseriado, que a partir de 2002 sofre uma queda com menos de 15 matrículas até o último ano com 9. O ano 2004 é um ano diferente pois foi o momento de maior fluxo na escola, em funcionamento nos 3 turnos e com programas de ensino para jovens e adultos.

Na tabela, conseguimos observar a variação de idades das crianças e nas entrevistas, o tempo que permaneceram matriculados, a alfabetização e depois nomeado Pré acolheu cerca de 56 crianças com idades entre 4 e 6 anos, então a partir do ano 1992 essa série era a primeira que os alunos cursaram ao chegar à escola. No entanto, desde o primeiro ano de funcionamento a então chamada 1ª série foi a que mais teve crianças matriculadas, cerca de 143 crianças no total e com uma diversidade de idade muito grande, com variações dos 6 aos 19 anos de idade.

As séries seguintes, possuem dados semelhantes, a 2ª com cerca de 60 alunos com idades entre 11 e 15 anos, já 3ª são cerca de 70 matriculados com idades de 11 a 18 anos e na 4ª cerca de 70 alunos de 11 a 19 anos durante os mais de 20 anos de funcionamento. Notamos como a questão das idades por série eram diferentes de hoje em dia, hoje a criança tem obrigatoriedade de estar incluída dentro de um sistema de ensino preservando a idade supostamente certa a cada série, o que nos mostra tantas crianças atualmente de séries avançadas com muitas lacunas na aprendizagem mas que não são retidas e avançam para as séries subsequentes sem condições cognitivas e pedagógicas. Como vemos, na época do funcionamento da escola, especialmente do início até a meados de 2005 as idades eram muito variadas, por que a criança iniciava os estudos na idade que era possível, muitos trabalhavam, ajudavam os pais nos afazeres, outros responsáveis não permitiam que estudassem por não ver importância nos estudos, não havia escola perto antes, então diversos aspectos influenciavam nesse ponto, por isso vimos jovens de 19 anos na primeira série.

Alguns dos entrevistados residem na zona rural do município de Sumé, em sítios circunvizinhos a localização do prédio onde funcionava a escola, desses quatro entrevistados que residem nos sítios, três deles vivem da agricultura, e acompanharam, de certa forma, a trajetória da escola e tudo que ela proporcionou a comunidade, inclusive atualmente anos após

o fechamento. Os demais três, residem na cidade Sumé, mas de alguma forma ainda mantêm vínculos com o campo através de familiares. Assim vemos a diversidade no perfil dos entrevistados e quantas profissões os alunos seguiram, as idades variam entre 27, 32 e até 47 anos, assim podemos acompanhar as considerações dos antigos alunos em épocas diferentes. O perfil profissional e acadêmico também diverge, no entanto 4 dos 7 deles possuem formação superior e a maioria formados na área da educação, e apenas um na área da saúde.

Os demais não cursaram o nível superior mas até o ensino fundamental I incompleto, ambos seguiram na carreira da agricultura e residem na zona rural, notamos que os que não deram continuidade aos estudos escolheram caminhos profissionais herdados de seus familiares, como o manejo animal, produtor de leite, plantação, agricultura de modo geral. E vivem da renda produzida pelo trabalho e de algum modo devolvem a comunidade seus serviços. Já os profissionais com nível superior desenvolvem na comunidade aquilo que receberam na Herculano F. B. B. educação. São professores que trabalham na rede municipal em escolas públicas.

Nas entrevistas, as perguntas iniciais nos mostram características básicas dos estudantes e o tempo que cada um deles permaneceu na escola, como o ensino só era até a 4ª série, então um aluno ficaria no máximo de 4 a 5 anos matriculado, o que é presente nos dados das respostas, a maioria não se recordava com exatidão, mas mencionam de 3 a 4 anos de permanência e outros entre 3 e 1 ano. No entanto, o tempo que permaneceram na H.F.B. não influenciou de forma negativa a nenhum, pelo contrário, vemos que todos, independente do tempo, descrevem memórias positivas de quando estudaram lá.

Observamos também que alguns alunos deram continuidade aos estudos e chegaram ao nível superior, como os entrevistados 2, 3, 6 e 7. Já outros concluíram apenas o fundamental I, como o entrevistado 5 que relata “aprendi mais no sítio do que na rua, na rua não me dedicava”, nem todos se habitam a mudança de espaço, o deslocamento mais distante, acaba influenciando uma desistência e abandono, o que ainda é bastante comum na educação brasileira, a evasão.

A escola, na maioria das vezes, é o primeiro espaço onde uma criança inicia o despertar para o mundo em sociedade e para os sonhos futuros, quando questionados qual profissão querem seguir ouvimos as mais variadas respostas como médico, professor, bombeiro, policial. E quando perguntamos aos ex-alunos da H.F.B. se o ambiente escolar influenciou em suas escolhas profissionais a maioria respondeu que sim, dentre esses alguns seguiram pela área da agricultura e outros pela educação, mas as respostas são semelhantes, que a escola, assim como a família, influenciou nas escolhas profissionais.

A vivência escolar no âmbito rural resulta na vida profissional como uma continuidade da vida familiar e escolar, como vemos na fala da entrevista 3 “Sim, pois minha atividade profissional está ligada de alguma maneira com o ambiente escolar das séries iniciais da minha escolaridade, assim como o curso superior que escolhi também tem ligação direta com esse ambiente.”

Quando falamos sobre representatividade, notamos nas falas palavras que descrevem aquele ambiente com tranquilidade, descoberta, saudade, lembrança, simplicidade, segurança, etc.

Um espaço que é cheio de boas memórias, sem violência, longe dos perigos urbanos, que representa infância, juventude e início, como observamos na entrevista 4, “Uma base de certa maneira, vínculo de lembrança da juventude” para descrever a representatividade da escola. Já quando pedimos aos entrevistados para relatarem uma memória em especial o carinho das recordações é nítido, fala da entrevista 3: “parecia mais uma extensão da nossa casa, me sentia confortável no espaço escolar”, e da entrevista 6: “Uma das memórias que mais gosto era da nossa “casinha” a baixo de umas árvores no terreiro da escola, onde brincávamos no intervalo”.

As lembranças são de atividades escolares, como o entrevistado relata que realizou uma entrevista com uma enfermeira quando a equipe médica realiza a visita mensal a comunidade, a merenda, afinal a comida tem muita ligação com a memória da infância, pois é algo que envolve cheiros, sentidos, sabores e lembranças. Assim como a aprendizagem é um mundo de descobertas que a escola proporcionou às crianças, e o mais citado pelos entrevistados, as brincadeiras, e vemos como o brincar é importante na vida estudantil, através dos momentos de descontração que a infância constroi conhecimento e memórias.

O último questionamento da entrevista é a respeito do fechamento da escola e como isso impactou na comunidade, todos os entrevistados relatam as mesmas coisas, os sentimentos de tristeza e retrocesso descrevem bem a realidade vivenciadas por eles, especialmente para aqueles que ainda residem na comunidade.

O Entrevistado 1 apresenta bem as diferenças do antes e do depois da escola com mais dificuldades, o distanciamento das origens e conseqüentemente da identidade, tanto da própria comunidade como dos habitantes:

*Enquanto funcionava a escola era mais tranquilo a comunidade com muitas pessoas, as famílias eram mais calmas com relação a segurança de seus filhos. Após o fechamento é uma comunidade com poucas pessoas, com mais dificuldade, e muitos perderam suas raízes.*

No que diz respeito à representatividade do espaço escolar rural, esse entrevistado, assim como outros, descrevem um sentimento nostálgico e de pertencimento ao narrarem suas memórias afetivas. O âmbito escolar é visto como um lugar seguro e acolhedor, onde as trocas sociais eram valorizadas e assim como as relações familiares, também eram fortalecidas. Essa concepção é fundamental, pois ressalta a importância do contexto social e afetivo para o desenvolvimento dos jovens.

O Entrevistado 2 cita o privilégio que as crianças da comunidade tinham em poder estudar perto de suas casas, sem precisar de um deslocamento exaustivo como acontece:

*Antes o prédio beneficiava as famílias rurais onde seus filhos poderiam estudar perto da suas casas e nos dias de hoje os alunos precisam se deslocar para cidade pelo seu fechamento tirando eles das suas origens rurais.*

Quanto à influência da escola na formação profissional, o entrevistado, que se formou em Educação do Campo, associa sua escolha de carreira diretamente às boas experiências na Herculano Florêncio de Barros. A vivência escolar se torna um incentivo para sua entrada na área da educação, evidenciando a importância das relações interpessoais e ambientais na formação de um profissional.

Quanto ao fechamento da escola, os relatos desse entrevistado e de outros sugerem que tal fato levou ao deslocamento físico e social dos alunos, e deslocamento para a cidade foi a única opção e, conseqüentemente, resultou no distanciamento de suas origens e raízes culturais. Essa mudança não atinge só a educação, mas também diminui as oportunidades de construção de vínculos significativos na comunidade rural.

O Entrevistado 3 expõe dois pontos de vista, a tristeza e perda da identidade ocasionadas pelo fechamento da escola, mas também a inviabilização do funcionamento do prédio com um baixo número de aluno:

*A escolaridade quando acontece no espaço em que o aluno tem relações com ambiente em vive é mais fácil o entendimento do processo de ensino aprendizagem, sendo assim, por essa perspectiva o fechamento das escolas na zona rural é muito triste, porém, temos que reconhecer que o número de crianças que reside no espaço rural não é o mesmo de antigamente, ficando assim inviável o funcionamento de algumas*

*escolas em determinadas comunidades rurais, mas particularmente sinto que, com o fechamento das escolas do campo perdeu-se muito do processo de construção de uma identidade camponesa.*

Quanto ao impacto da escola na formação profissional, o entrevistado comenta que seu curso superior, Licenciatura em Educação do Campo, está fortemente ligado às suas experiências e aprendizados na escola, demonstrando como a educação no campo pode impactar no desenvolvimento de uma identidade profissional que valoriza essa experiência.

As descrições de momentos significativos (como o Dia das Mães e brincadeiras) afirmam que a escola foi um lugar de criação de memórias que permaneceram ao longo dos anos. A ausência desses espaços hoje, com o fechamento da escola, é sentida por todos, o que colabora para o enfraquecimento da identidade cultural e social da comunidade, como foi bem mencionado pelo entrevistado.

O Entrevistado 4 comenta que a comunidade perdeu os vínculos sociais, os eventos, os movimentos, um espaço de união, pois, as pessoas se mudam para as cidades buscando melhores condições:

*Antes era mais social de certa maneira, hoje, perde vínculo pois vão para cidades.*

Quando questionado a respeito do impacto da escola na formação profissional, o entrevistado afirmou que a escola não teve um impacto significativo na sua escolha profissional, pois considerava que sua formação intelectual estava apenas no início. Isso mostra que, para alguns, a experiência escolar pode ter um efeito mais limitado, dependendo das circunstâncias e do tempo de permanência na escola.

O Entrevistado 5 se assemelha ao anterior, comenta o desânimo da comunidade e a tristeza que preenche as estradas:

*Quando o prédio funcionava era mais animado e tinha muitas coisas e hoje é só tristeza.*

No que diz respeito a influência da escola em sua formação profissional, o entrevistado em duas palavras demonstra que a vivência escolar foi importante para a sua motivação e dedicação. percebendo que aprendeu mais no ambiente rural do que na escola urbana, afirmando que a escola no campo proporcionou um espaço de foco e aprendizado que posteriormente resultou em sua carreira agrícola.

Encerrar as atividades da escola causou um efeito negativo na comunidade, os impactos do fechamento é um tema recorrente. Ex-alunos, como os entrevistados 4 e 5 expressam em suas falas, a tristeza ao observar que a comunidade perdeu sua dinâmica social e seus laços comunitários. A percepção de que a escola era um local de segurança e atividades sociais confronta fortemente a situação atual, deixando evidente o papel vital que a instituição escolar desempenha no fortalecimento e manutenção da identidade rural.

O Entrevistado 6 mostra uma visão bastante fraterna da escola e o vínculo que unia as famílias em um único ambiente:

*O ambiente escolar na Macambira era um lugar de muito carinho, amor e respeito, acredito que muitas crianças mereciam viver as experiências que vivi, quando a escola estava em funcionamento ela aproximava a comunidade tornando nossos vínculos mais fortes, hoje vemos o quanto a comunidade e as crianças perderam com o fechamento da escola, principalmente por não terem tido tia Maria Helena como professora.*

Em relação à representatividade do ambiente escolar rural, todos os entrevistados trazem à tona memórias que descrevem sentimentos de nostalgia e pertencimento. O entrevistado 6 fala sobre suas lembranças e descreve um espaço seguro e afetivo, um ambiente de carinho e respeito que caracterizava a escola. Esses elementos são fundamentais para a construção da identidade dos alunos, reafirmando a importância do ambiente escolar como espaço de socialização, aprendizado e conservação das memórias.

O Entrevistado 7 comenta sobre a lacuna que o fechamento de uma escola acarreta para uma comunidade e só restam lembranças e saudades:

*Eu acredito que tinha uma escola em espaço rural ou em um bairro, como a gente já vimos aqui Sumé, desativadas ou nucleadas, fica aquela lacuna e infelizmente às vezes é difícil reativar uma escola ou construir outro prédio que tem alguma significância né, algum objetivo a ser cumprido. Mas eu acredito que o que fica realmente de fato suas memórias, são as memórias, as lembranças e as pessoas que lá passaram. Hoje ainda representa isso para mim, memórias afetivas e como eu disse anteriormente, me sinto muito triste quando eu passo por perto e vejo estar totalmente desativada, abandonada. Mas é isso, sinto*



*muita falta, eu lembro muito mais afetivas, elas nos perpassam de uma forma que é difícil de esquecer.*

No que se refere ao impacto da escola na formação profissional, esse entrevistado, que se tornou professor, menciona que suas vivências na escola foram fundamentais para sua escolha profissional. Isso reafirma a importância do ambiente escolar para a formação de indivíduos que buscam retribuir à comunidade o que aprenderam. A identificação com o ambiente escolar rural e a valorização das relações afetivas, como as que ele mencionou, revelam aspectos que alimentaram essa escolha.

O entrevistado, também, ressalta a importância da escola na construção de vínculos com a comunidade. Ele acredita que, antes do fechamento, a escola servia como um ponto de união social, o que é confirmado pelos outros entrevistados que relataram uma dinâmica comunitária mais ativa durante o funcionamento da escola. Essa conexão se enfraqueceu em grande parte após o fechamento, o que evidencia o desgosto de alguns ex-alunos em aceitar a desativação da instituição.

A conexão descrita nas entrevistas, entre a escola e a formação profissional dos entrevistados reforça a ideia de que a vivência escolar em ambientes rurais não apenas proporciona educação formal, mas também forma identidades e interesses profissionais, criando um forte laço emocional que pode direcionar a trajetória de vida dos alunos.

As entrevistas apresentam insights valiosos sobre a forma como a vivência escolar na Herculano Florêncio de Barros impactou não apenas as trajetórias profissionais, mas também as identidades sociais dos ex-alunos. O ambiente escolar rural se caracteriza como um espaço de formação integral, onde aprendizados vão além do conteúdo acadêmico, e também experiências de vida que influenciam as escolhas e o senso de comunidade.

Diante disso é nítido o impacto que o fechamento da H.F.B. teve na comunidade e na vida das pessoas, tanto as que residem nos sítios como as que residem na cidade, a nucleação não foi apenas de um prédio, mas da vitalidade de várias comunidades. Não se perdeu apenas um prédio, mas o direito de as novas gerações terem a oportunidade de se construírem como seres sociais em uma escola no campo.

O fechamento da escola não é apenas uma questão de perda de um espaço físico; é uma perda de identidade, de laços sociais e de oportunidades educacionais que impactam gerações. Assim, as reflexões dos ex-alunos evidenciam a importância de preservar e valorizar as instituições educacionais rurais como fundamentais para o desenvolvimento social e cultural das comunidades. Essa análise indica a necessidade urgente de se considerar políticas que visem

à revitalização de escolas rurais, de modo a garantir o acesso à educação e a promoção de uma identidade cultural integral nas comunidades do campo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longa desta pesquisa caminhamos pela história de uma pequena escola na zona rural localizada em uma cidade do interior da Paraíba, ao decorrer dessas linhas vimos o nascer, desenvolver e o encerrar de um ciclo, conhecemos lugares, pessoas, vimos fotos, memórias e histórias, de uma comunidade, de antigos alunos, onde cada parte da pesquisa descreve um pedaço de toda grandiosa histórica do ensino e aprendizagem no campo.

A partir dessa pesquisa resgatamos as experiências de ex-alunos da escola Herculano Florêncio Barros, tais experiências construídas nesse espaço, de certo modo guiaram suas trajetórias acadêmicas/profissionais, onde os relatos nos possibilitaram observar os diversos aspectos afetivos e sociais desencadeados no espaço educacional. A importância de um ambiente educacional e social acolhedor na vida dos estudantes, e um prédio chamado “grupo da Macambira” a âncora para uma singela comunidade rural, a todo momento reafirmam a vitalidade que a escola proporcionava aos habitantes daquela localidade. Essa vivência educacional impactou no futuro de seus egressos de modo que hoje com satisfação podemos citar diversos profissionais que construíram sua base de aprendizagem no grupo da Macambira.

Vimos também o quanto era importante o papel que a escola cumpria nas comunidades, os momentos de união e festejos proporcionados naquele lugar, onde o conhecimento não se desenvolvia apenas nos saberes pedagógicos e estudos disciplinares, mas também e tão importante quanto, no lúdico e nos momentos compartilhados em comunidade, a escola não proporcionou ensino somente aos alunos matriculados mas a todos os residentes dos sítios próximos que compartilharam durante todos os anos atividade da escola, vivências e oportunidades coletivamente. O espaço da escola foi acima de tudo de formadora moral, social e intelectual, em uma época de escassas oportunidades, foi a janela para novos horizontes nos olhos de seus alunos

Nosso arcabouço teórico nos deu suporte para que compreendêssemos a educação no ambiente rural, uma educação contextualizada, e a escola como espaço de memória, aprendizagem, saudade, identidade e influência na construção social e profissional de uma pessoa. Tais aspectos foram evidenciados através das falas e das fotos, que nos mostram quanto a comunidade e a escola são esferas formadoras e importantes, pois toda ação gera impactos positivos ou negativos, e os impactos negativos vieram com as lacunas causadas pelo fechamento.

Diante todos os dados da pesquisa, fica claro que a escola H. F. B. influenciou nas escolhas profissionais da maioria dos entrevistados, assim como a família. O cenário era caracterizado por uma comunidade rural que vivia da agricultura e uma escola no campo, vizinha à sua casa, que, direta ou indiretamente, valorizava a cultura, os costumes e as potencialidades do ambiente. Desse modo, a escola e a família se complementavam no que desrespeito a influenciar, como vimos alguns alunos permaneceram na agricultura como aprenderam com os seus pais e dão continuidade ao trabalho iniciados por eles, já outros relatam que a vivência no âmbito rural impacto de modo positivo, mas indireto, os fizeram trilhar caminhos nas áreas da educação e saúde, ou seja, alcançaram outras oportunidades que certamente sem a escola não seria possível.

A representatividade do ambiente escolar na construção social foi descrita pelos ex-alunos de maneira bastante afetiva, sempre foi mencionado os aspectos como tranquilidade, segurança, leveza, brincadeira, aprendizagem. Por se tratar de um grupo de alunos não muito extenso, o sentimento de pertencimento e familiaridade fortalecia os laços e a escola se tornava uma extensão de suas casas. Ficou bastante claro o quão importante e impactante um ambiente escolar acolhedor e contextualizado causa na vida de um aluno.

O processo de fechamento foi descrito por todos como uma saudade, o fechamento impactou negativamente a toda comunidade, causou uma lacuna social. A imagem que fica é que a escola além de cumprir sua função pedagógica e social para o aluno também cumpria fatalmente um papel social vital para a localidade que com o encerramento das atividades, foi aniquilado. É uma realidade que vem crescendo em nosso país, onde diversas escolas rurais estão sendo fechadas pelas secretarias que não levam em consideração os impactos negativos na aprendizagem, na visão das famílias e da comunidade de modo geral.

Assim concluímos que a escola Herculano Florencio de Barros foi de fato impactante para seus alunos, e como medir a importância social de um lugar como esse? Que foi um espaço de cumpriu o verdadeiro papel da educação, que era ancora de tantas coisas para as famílias, impactou de formas relevante a vida dos seus egressos e comunidade, e que hoje é guardadora dessas histórias e de tantas outras histórias que não estão nesta pesquisa mas que cada um daquelas pessoas que vivenciou algum momento no “grupo da Macambira” guarda na memória. E que esse espaço, palco de tantas coisas, hoje se tornou apenas uma lembrança, e deixa uma lacuna na comunidade escolar e social.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, L. P. C. S. A. M. R. B. DE A. A. E. A Educação Contextualizada para a convivência com o Semiárido Brasileiro como uma prática emancipadora. **Revista Brasileira de Educação do Campo** 3(1), p. 104–125, Janeiro de 2018.
- CALDART, Roseli Salette. Educação do campo. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- CALDART, Roseli Salette. **Pedagogia do movimento sem-terra**: A escola é mais do que escola. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2000. 277 p. ISBN 85.326.2297-6. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/educacaodocampocfp/images/livro-pedagogia-da-terra-mst.pdf>. Acesso em: 25 Nov. 2023.
- CATROGA, F. memória, história e historiografia. FGV de Bolso. Rio de Janeiro: FGV editora, 2015.
- CALDART, R. Educação do Campo. Em: ROSELI SALETE CALDART, ISABEL BRASIL PEREIRA, PAULO ALENTEJANO E GAUDÊNCIO FRIGOTTO (Ed.). **Dicionário da Educação no Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 257–264. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/l191.pdf>. Acesso em: 26 Nov. 2024.
- Ciavatta, M. (2005). **A FORMAÇÃO INTEGRADA A ESCOLA E O TRABALHO COMO LUGARES DE MEMÓRIA E DE IDENTIDADE**. Revista Trabalho Necessário, 3(3). <https://doi.org/10.22409/tn.3i3.p6122>. Acesso em; 05/08/2024. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/6122/5087>
- FERRARO, A. R. **Alfabetização Rural no Brasil na Perspectiva das Relações Campo-Cidade e de Gênero**. Porto Alegre: [s.n.]. v. 37p. 943–967. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/6fy4Bw8wVKnnXvJbgy5cvrj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 23 Nov. 2023.
- INSA. **Instituto Nacional do Semiárido - INSA**. Disponível em: <<https://www.gov.br/insa/pt-br/semiario-brasileiro>>. Acesso em: 1 jul. 2024.
- MARTINS, F. **A ESCOLA E A EDUCAÇÃO DO CAMPO**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <[https://residenciapedagogica.ufpa.br/images/Ebooks/A\\_ESCOLA\\_E\\_DUCAO\\_DO\\_CAMP\\_O\\_compressed.pdf](https://residenciapedagogica.ufpa.br/images/Ebooks/A_ESCOLA_E_DUCAO_DO_CAMP_O_compressed.pdf)>.
- Malvezzi, R. (2007). **Semiárido - uma visão holística**. Brasília, DF: CONFEA - Superintendência de Comunicação e Marketing.
- OLIVEIRA, J. R. M. **O FECHAMENTO DE ESCOLAS DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE SUMÉ-PB: O CASO DAS COMUNIDADES PITOMBEIRA E ASSENTAMENTO MANDACARU**. 2011. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/19553/JESSICA%20RAFAELLY%20MONTEIRO%20DE%20OLIVEIRA%20->

%20TCC%20EDUCA%c3%87%c3%83O%20DO%20CAMPO%202021.pdf?sequence=1&isAllowed=y.> acesso em: 06 jul. 2024.

OLIVEIRA, K. R. B. **Escola e Memória**. São Paulo: Universidade Nove de Julho - UNINOVE, 2021. Disponível em: <https://bibliotecatede.uninove.br/bitstream/tede/2473/2/Karla%20Roberta%20Brand%c3%a3o%20de%20Oliveira.pdf>. Acesso: 07 ago. 2024.

PAVANI, Greti Aparecida; ANDREIS, Adriana Maria. **O PROCESSO DE NUCLEAÇÃO E FECHAMENTO DE ESCOLAS NO CAMPO E A LUTA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS PELA EDUCAÇÃO DO CAMPO**. SINGA 2017, VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária e IX Simpósio Nacional de Geografia Agrária, 1 nov. 2016. DOI 1980-4555. Disponível em: [https://singa2017.files.wordpress.com/2017/12/gt14\\_1506706386\\_arquivo\\_greti\\_finalsinga.pdf](https://singa2017.files.wordpress.com/2017/12/gt14_1506706386_arquivo_greti_finalsinga.pdf). Acesso em: 23 nov. 2023.

PRONI M. W. E HENRIQUE W. POR ALEXANDRE ZARIAS. **Trabalho, mercado e sociedade - O Brasil nos anos 90**. Editora Unesp; Campinas, SP: Instituto de Economia da Unicamp, 2003. Disponível em: Classroom.google.com/u/1/h. Acesso em: 17/08/2024.

RIBEIRO, M. Educação Rural. Em: ROSELI SALETE CALDART, ISABEL BRASIL PEREIRA, PAULO ALENTEJANO E GAUDÊNCIO FRIGOTTO (Ed.). **Dicionário da Educação no Campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012. p. 293–298. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/1191.pdf>. Acesso em: 15/11/2024.

SILVA, Elidiane Batista da. **UMA ANÁLISE SOBRE O PROCESSO DE NUCLEAÇÃO E/OU FECHAMENTO DAS ESCOLAS DO CAMPO DE SUMÉ PB NO ANO 2018**. Monografia apresentada ao curso de Especialização em Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido brasileiro, [s. l.], 6 ago. 2021. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/20920/1/ELIDIANE%20BATISTA%20DA%20SILVA%20%20ESPECIALIZA%c3%87%c3%83O%20EM%20EDUCA%c3%87%c3%83O%20CONTEXTUALIZADA%202021.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2023.

SILVA, A. P. Educação contextualizada, transposição didática e complexidade: um começo de conversa. **Educação Contextualizada: Fundamentos e Práticas**, n. UNEB, 2011.

ZARIAS, A. **Trabalho, mercado e sociedade - O Brasil nos anos 90**. Disponível em: <https://www.comciencia.br/dossies-1-72/200405/resenhas/resenha1.htm>. Acesso em: 1 ago. 2024.

## APÊNDICE

### ENTREVISTA 1

**1. Nome completo:** Maria Núbia de Sousa, 47 anos, St. Riacho da roça, Escolaridade: fundamental incompleto, profissão: agricultora.

**2. Qual o ano da sua entrada na escola Herculano Florencio de Barros? Por quantos anos se manteve matriculado (a) ?**

R/ Estudei de 1991 a 1993.

**3. A vivência escolar teve influência na sua escolha profissional? De que maneira?**

R/ Sim, teve influência pois meus pais nasceram e se criaram na zona rural.

**4. O que a escola H.F. B representou na sua infância? e hoje?**

R/ Um lugar de aprendizagem tranquilo, tinha muitas pessoas boas. Hoje lembro-me com saudade eram bons tempos, não tinha tanta violência como tem nas escolas hoje em dia.

**5. Cite uma memória afetiva que você guarda do ambiente escolar rural?**

R/ O dia das mães e o dia das crianças, guardo ótimas memórias.

**6. Enquanto residente do município de Sumé, com algum vínculo com a comunidade onde a escola está localizada, como você avalia a comunidade antes, com o funcionamento do prédio e hoje após o fechamento?**

R/ Enquanto funcionava a escola era mais tranquilo a comunidade com muitas pessoas, as famílias eram mais calmas com relação a segurança de seus filhos.

Após o fechamento é uma comunidade com poucas pessoas, com mais dificuldade, e muitos não perderam suas raízes.

## ENTREVISTA 2

### **1. Nome completo, idade, endereço e profissão.**

Simone Barros de Souza, 37 anos, Rua Manoel Paulino Nº 179. Graduada no curso de educação do campo na área de linguagens e códigos.

### **2. Qual o ano da sua entrada na escola Herculano Florencio de Barros? Por quantos anos se manteve matriculado (a) ?**

R/ não lembro o ano que comecei, passei quatro anos.

### **3. A vivência escolar teve influência na sua escolha profissional? De que maneira?**

R/ sim, de forma que me fez seguir na profissão de professora.

### **4. O que a escola H.F. B representou na sua infância? e hoje?**

R/ posso dizer que foi um tempo muito bom da minha vida e hoje só ficaram as boas lembranças daquele tempo.

### **5. Cite uma memória afetiva que você guarda do ambiente escolar rural?**

R/ as brincadeiras com meus amigos na hora do intervalo, a merenda e de como era bom brincar sem ter preocupação com os perigos urbanos.

### **6. Enquanto residente do município de Sumé, com algum vínculo com a comunidade onde a escola está localizada, como você avalia a comunidade antes, com o funcionamento do prédio e hoje após o fechamento?**

R/ Antes o prédio beneficiava as famílias rurais onde seus filhos poderiam estudar perto das suas casas e nos dias de hoje os alunos precisam se deslocar para cidade pelo seu fechamento tirando eles das suas origens rurais.



### ENTREVISTA 3

#### **1. Nome completo, idade, endereço, escolaridade e profissão.**

Auricelia de Melo Araujo Idade: 44 anos Endereço: Sítio Terra Vermelho, s/n, Sumé – PB.  
Escolaridade: Superior Profissão: Agricultora

#### **2. Qual o ano da sua entrada na escola Herculano Florêncio de Barros? Por quantos anos se manteve matriculado (a)?**

Comecei a estudar na escola Herculano Florêncio de Barros no ano de 1991, na antiga 3ª série e estudei a 4ª série no ano de 1992, no ano seguinte fui transferida para estudar em uma escola na cidade, pois nas escolas da zona rural só podíamos estudar até a 4ª série.

#### **3. A vivência escolar teve influência na sua escolha profissional? De que maneira?**

R Sim, pois minha atividade profissional está ligada de alguma maneira com o ambiente escolar das séries iniciais da minha escolaridade, assim como o curso superior que escolhi também tem ligação direta com esse ambiente, pois cursei o curso de Licenciatura em Educação do Campo.

#### **4. O que a escola H.F. B representou na sua infância? E hoje?**

Ela representou um lugar onde comecei a descobrir muitas coisas além das minhas relações familiares. Hoje ela representa nostalgia, sempre que passo em frente do prédio, que hoje se encontra abandonado, sinto uma saudade imensa dos meus tempos de infância, período em que estudei nessa escola.

#### **5. Cite uma memória afetiva que você guarda do ambiente escolar rural?**

R Na minha memória ficaram muito fortes os momentos de estudo, mas também das brincadeiras na hora do recreio, onde a gente brincava de diversas brincadeiras e corria pelo espaço nos arredores da escola, parecia mais uma extensão da nossa casa, me sentia confortável no espaço escolar.

#### **6. Enquanto residente do município de Sumé, com algum vínculo com a comunidade onde a escola está localizada, como você avalia a comunidade antes, com o funcionamento do prédio e hoje após o fechamento?**

R A escolaridade quando acontece no espaço em que o aluno tem relações com ambiente em vive é mais fácil o entendimento do processo de ensino aprendizagem, sendo assim, por essa perspectiva o fechamento das escolas na zona rural é muito triste, porém, temos que reconhecer que o número de crianças que reside no espaço rural não é o mesmo de antigamente, ficando assim inviável o funcionamento de algumas escolas em determinadas comunidades rurais, mas particularmente sinto que, com o fechamento das escolas do campo perdeu-se muito do processo de construção de uma identidade camponesa.

## ENTREVISTA 4

**1. Nome completo, idade, endereço, escolaridade e profissão.**

João Paulo de Araújo , 41 anos , sítio Santa Rosa, Sumé- PB, 2 grau, agricultor.

**2. Qual o ano da sua entrada na escola Herculano Florêncio de Barros? Por quantos anos se manteve matriculado (a)?**

1993, 2 anos.

**3. A vivência escolar teve influência na sua escolha profissional? De que maneira?**

Não muito por conta de se tratar de um início de formação intelectual.

**4. O que a escola H.F. B representou na sua infância? E hoje?**

Uma base de certa maneira, vínculo de lembrança da juventude.

**5. Cite uma memória afetiva que você guarda do ambiente escolar rural?**

Brincadeira com os colegas

**6. Enquanto residente do município de Sumé, com algum vínculo com a comunidade onde a escola está localizada, como você avalia a comunidade antes, com o funcionamento do prédio e hoje após o fechamento?**

Antes era mais social de certa maneira hoje, perde vínculo pois vão para cidades.

## ENTREVISTA 5

### **1. Nome completo, idade, endereço, escolaridade e profissão.**

Romildo Lima de Melo Junior, 40, Sítio Macambira, estudei até o 6º ano, agricultor.

### **2. Qual o ano da sua entrada na escola Herculano Florêncio de Barros? Por quantos anos se manteve matriculado (a)?**

O ano não lembro, mas fiz alfabetização, 1º, 2º. Por cerca de 3 anos.

### **3. A vivência escolar teve influência na sua escolha profissional? De que maneira?**

Sim, aprendi mais no sítio do que na rua, na rua ã me dedicava. A família e a escola influenciaram na agricultura.

### **4. O que a escola H.F. B representou na sua infância? E hoje?**

Um lugar onde eu brincava, arengava e aprendia, e hoje tristeza em ver a escola fechada, não deveria ter sido fechada, era pra criança daqui estudarem lá.

### **5. Cite uma memória afetiva que você guarda do ambiente escolar rural?**

As brincadeiras, as bolsas de leite em pó que ganhava da escola, sempre comiam no caminho de casa, eu amava. E também à bolsa de pão que servia para carregar os cadernos.

### **6. Enquanto residente do município de Sumé, com algum vínculo com a comunidade onde a escola está localizada, como você avalia a comunidade antes, com o funcionamento do prédio e hoje após o fechamento?**

Quando o prédio funcionava era mais animado e tinha muitas coisas e hoje é só tristeza.

## ENTREVISTA 6

### **1. Nome completo, idade, endereço, escolaridade e profissão.**

Fernanda Simões Fernandes, 27 anos, rua Manoel Duarte, Sumé pb, cirurgiã-dentista.

### **2. Qual o ano da sua entrada na escola Herculano Florêncio de Barros? Por quantos anos se manteve matriculado (a)?**

Não lembro o ano, acho que foi 2000 ou 2001, passei 1 ano e alguns meses

### **3. A vivência escolar teve influência na sua escolha profissional? De que maneira?**

Não teve influência, ser dentista ainda não era um sonho naquela época.

### **4. O que a escola H.F. B representou na sua infância? E hoje?**

Essa escola foi um lugar para onde eu sempre queria voltar, lembro-me de muitos momentos vividos lá e hoje a escola representa uma saudade da minha infância.

### **5. Cite uma memória afetiva que você guarda do ambiente escolar rural?**

Uma das memórias que mais gosto era da nossa “casinha” debaixo de umas árvores no terreiro da escola, onde brincávamos no intervalo.

### **6. Enquanto residente do município de Sumé, com algum vínculo com a comunidade onde a escola está localizada, como você avalia a comunidade antes, com o funcionamento do prédio e hoje após o fechamento?**

O ambiente escolar na Macambira era um lugar de muito carinho, amor e respeito, acredito que muitas crianças mereciam viver as experiências que vivi, quando a escola estava em funcionamento ela aproxima a comunidade tornando nossos vínculos mais fortes, hoje vemos o quanto a comunidade e as crianças perderam com o fechamento da escola, principalmente por não terem tido tia Maria Helena como professora.

## ENTREVISTA 7

### **1. Nome completo, idade, endereço, escolaridade e profissão.**

Rafael Barros de Sousa, 32 anos, rua Belino Nogueira - Sumé-PB, graduação em Licenciatura em Educação do Campo/ Mestrado em Literatura e Interculturalidade. Professor.

### **2. Qual o ano da sua entrada na escola Herculano Florêncio de Barros? Por quantos anos se manteve matriculado (a)?**

Eu não me recordo muito bem a minha entrada na escola circulando Florêncio de Barros, mas eu me lembro que desde criança nossa minha mãe, enquanto funcionária, auxiliar de serviços gerais, ela me levava e me deixava lá dentro da pia, improvisava um berço. Então estudei lá desde o pré até a 4ª série, que agora é chamado 5º ano. Então, minha trajetória é da educação infantil até o fundamental 1, foi tudo nesta escola.

### **3. A vivência escolar teve influência na sua escolha profissional? De que maneira?**

Creio eu que sim, que as vivências na escola do campo tenham me feito escolher também a profissão que sigo, que é professor. Depois que vim estudar na rua eu tive alguns desgastes emocionais e acabei por não querer estudar mais nada após o ensino médio, e depois de um tempo comecei a me interessar e voltei a estudar no curso de educação no campo e acredito que isso também venha das relações afetivas no campo e na escola Herculano Florencio de Barros.

### **4. O que a escola H.F. B representou na sua infância? E hoje?**

Uma trajetória na educação, de uma formação acadêmica/escolar e hoje a escola representa para mim ainda isso, essa memória afetiva, essa lembrança, esse início... mas também representa um misto de tristeza por ver que a escola está totalmente destruída e desativada. Aquela estrutura que ainda está lá de até me remete a várias memórias e várias lembranças, mas eu ainda sonho em vê-la sendo parte de alguma coisa cultural.

### **5. Cite uma memória afetiva que você guarda do ambiente escolar rural?**

Uma memória afetiva que guardo de fato é era liberdade de brincar, de conhecer todo mundo e as famílias no entorno da nossa escola, certa vez fui a escola no turno da manhã quando aconteceria o atendimento médico e fiz uma entrevista com uma enfermeira. Tenho essa memória, mesmo sem saber muita coisa fiz essa entrevista.

### **6. Enquanto residente do município de Sumé, com algum vínculo com a comunidade onde a escola está localizada, como você avalia a comunidade antes, com o funcionamento do prédio e hoje após o fechamento?**

Eu acredito que tinha uma escola em espaço rural ou em um bairro, como a gente já vimos aqui Sumé, desativadas ou nucleadas, fica aquela lacuna e infelizmente às vezes é difícil reativar

uma escola ou construir outro prédio que tem alguma significância né, algum objetivo a ser cumprido. Mas eu acredito que o que fica realmente de fato suas memórias, são as memórias, as lembranças e as pessoas que lá passaram. Hoje ainda representa isso para mim, memórias afetivas e como eu disse anteriormente, me sinto muito triste quando eu passo por perto e vejo estar totalmente desativada, abandonada. Mas é isso, sinto muita falta eu lembro muito mais afetivas, elas nos perpassam de uma forma que é difícil de esquecer